

JOVENS E EXPERIÊNCIAS FORA DA ESCOLA

Vanessa de Andrade Lira dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

vanessalirartes@gmail.com

Resumo: Na tentativa de pensar os jovens e seus tempos livres, e partindo dos registros que representam as nuances de ser jovem fora da escola, buscaremos seguir na direção do “barulho” de seus encontros. Pensaremos a partir de quatro registros fotográficos trazidos por alunos, recorte de uma atividade proposta em sala de aula com a seguinte temática: “O que é ser jovem fora da escola?”. Ao trazer estes registros para uma reflexão dentro da escola, passamos a pensá-los sobre o teto da instituição, e temos consciência da limitação que atravessa esta instância, já que as vivências cotidianas destes jovens extrapolam o seu espaço/tempo e desafiam a esfera dos ‘atos regulados’. Os registros trazidos por Tati, Michel, Ian e Isadora (nomes fictícios empregados para representar os jovens produtores das imagens) serão os indícios que conduzirão esta reflexão.

Palavras-chave: Jovens, experiências, escola, registros fotográficos.

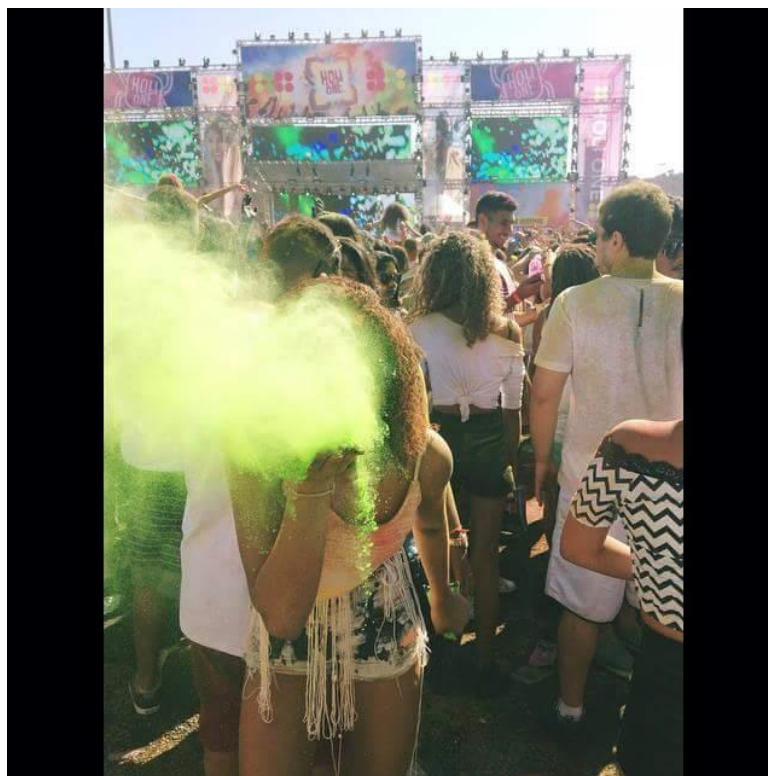
Ao entrar efetivamente no espaço escolar, nos damos conta da dimensão da tarefa de, ao menos, tocar nas camadas mais superficiais das vivências dos jovens. Se apropriando do pensamento de Pais, estamos diante de “um espaço de patchwork: de novas sensibilidades” (2006, p.7). Estamos diante de uma realidade que se reconfigura sem cessar em recortes, em dobras e em linhas que se entrecruzam envolvendo partes distintas, em um emaranhado de relações muitas vezes desconcertante.

Na tentativa de pensar os jovens e seus tempos livres, decorrente dos registros que representam as nuances de ser jovem fora da escola, buscaremos seguir na direção do “barulho” de seus encontros. Pensaremos a partir de quatro fotografias trazidas por alunos, recorte de uma atividade com a seguinte temática: “O que é ser jovem fora da escola?” Ao trazer esses registros para uma reflexão dentro da escola, passamos a pensá-los sobre o teto da instituição, e temos consciência da limitação que atravessa essa atividade, já que as realidades cotidianas se dão fora de seus espaço/tempos e não habitam a esfera dos ‘atos regulados’. Os registros trazidos por Tati, Michel, Ian e Isadora¹ serão os indícios que conduzirão esta reflexão.

¹ Os nomes utilizados na apresentação dos registros fotográficos são fictícios, preservando assim a identidade dos jovens envolvidos na pesquisa.

Tati traz um registro de um momento de diversão. Não sabemos quem é de fato a pessoa registrada, mas a fumaça que invisibiliza a personagem da ação nos envolve na atmosfera da imagem. É com esse jovem que muitas vezes nos deparamos na escola, com essa potência que impede um reconhecimento efetivo e “catalogável”. Tati afirmou que o sentido maior de ser jovem é a diversão.

Figura 1- Registro fotográfico da Tati



Fonte: Arquivo pessoal

De que diversão somos capazes de tratar na escola? Não teríamos uma resposta definitiva já que o conceito de se divertir é amplo e cabe mais do que nossas constatações preveem. Mas uma coisa podemos perceber ao ver os encontros e os sorrisos largos na escola: as variáveis do que o jovem considera como diversão o acompanham nos espaços que transita, mesmo que esses espaços aparentemente não admitam sua variedade de comportamentos.

As distinções formalistas seguramente nos dariam mapas prontos, de onde se deve pisar e do que se deve evitar, a fim de proporcionar uma travessia amena pelas vias escolares. No entanto, quem está de fato em constante caminhada nos trajetos escolares, sabe o quão inquietante são suas vias. O ameno nada mais seria do que caminhar sobre a linha tracejada das normas, dos programas e das vias “seguras” dos planejamentos que já preveem fins. O

que nos interessa acontece nos vãos dos protocolos, criando espaços intervalares nas brechas das normas.

Revisitando a ideia de moratória social, através do trabalho de Groppo (2015), os jovens teriam uma “brecha” possibilitadora de experiências fora das instâncias reguladoras do trabalho e das responsabilidades que a vida adulta acarreta. Nesse sentido, fica clara a importância dos ‘encontros livres’ para o desenvolvimento dos jovens. A tarefa neste sentido é aceitar as vias invisíveis deste processo. Olhas os registros do deslocar desses jovens em seu tempo livre não resume seus encontros, apenas nos sensibiliza para a necessidade dessa vivência. Portanto, a escola não tem o poder de transformar essas experiências em seus conteúdos, já que esta ação seria uma tentativa de reconfiguração que destrói o jogo próprio desses encontros.

No registro abaixo, Michel apresenta seus planos e sua paixão pelo futebol. Enquanto nós professores tratamos de temas que consideramos relevantes para o aprendizado e para o futuro de Michel, ele nos apresenta um registro do que de fato considera como importante para si, e se queixa de não ter um espaço na escola para jogar ou discutir sobre seus anseios e as possibilidades reais de seguir nesta profissão.

Figura 2- Registro fotográfico de Michel



Fonte: Arquivo pessoal

Michel não sonha sozinho. Muitos jovens como ele desejam um futuro no esporte e “respiram” essa atmosfera, alguns aceitam que no espaço escolar não cabe o diálogo sobre o que os interessa de fato, outros carregam a bola na mochila e fazem uma roda na sala pra falar sobre o assunto ao mesmo tempo em que uma aula que consideram desnecessária acontece. Não tratamos aqui de rasgar todas as normas da escola, tratamos de questionar este espaço como desagregador, em suas vias categorizadas, e ao mesmo tempo invadido por “desvios” que insistem em apontar caminhos, que deveriam ser considerados como relevantes saberes presentes no mundo.

Em um nível “macro”, não se tratando necessariamente de dimensão, mas de discurso representativo, o território impõe-se em seu caráter institucional, desenvolvendo um conjunto de códigos que comportam e registram seus limites. Em sua dimensão micro, que também não se define enquanto tamanho, mas enquanto visibilidade legitimada, temos um ‘discurso ilegítimo’ que desterritorializa e que não se contenta com as margens.

Figura 3- Registro fotográfico com interferência de colagem, Ian



Fonte: Arquivo pessoal

Ian apresenta sua imagem e afirma que pra ele este é o sentido de liberdade. Faz uma interferência no registro através da colagem e mistura significações à fotografia inicial. Esse emaranhado, partindo de uma ação consciente ou não, nos insinua a impossibilidade de delimitar fronteiras sobre quais são as expectativas dos jovens hoje, e nos aponta para a necessidade de um olhar mais atento para o fora da escola. É o uso que os jovens dão aos espaços, com

todos os agenciamentos e conflitos que presume, que atribui a eles a qualidade de propriedade ou de “apropriação”. Estes lugares, quando efetivamente praticados, adquirem sentidos e se assentam simbolicamente a partir dos ritmos de seus agentes.

Ao observarmos os trânsitos juvenis esta dinâmica fica evidente como sendo um processo sem um fim fixo em um lugar ou uma experiência definitiva no espaço/tempo. Pela própria intensidade de seus trajetos cotidianos, e pela significação destes trânsitos para uma “etapa da vida” também em constantes processos de reformulação, a reconfiguração dos espaços dos deslocamentos destes jovens é impregnada pelos deslocamentos subjetivos e coletivos.

Ao observar o registro de Isadora, é possível identificar por trás da mesma algumas formas constitutivas desta arquitetura presente na cidade: uma estrutura que está a serviço da sustentação do viaduto sobre um espaço vazio. Claramente se percebe que este espaço não foi pensado inicialmente com uma determinada função nesta localidade, o mesmo parece ter sido ocupado e configurado posteriormente ao projeto do viaduto, aparece como um “espaço de respirar” dentro da lógica inicial de construção do local.

Figura 4- Registro fotográfico de Isadora



Fonte: Arquivo pessoal

Como este, muitos espaços na cidade são reconfigurados, não necessariamente por um aparato material, mas pela “personalização” produzida pelos grafites, pixações e intervenções que dotam os cinzas de diferentes significados, que se

ampliam na medida em que são vistos por diferentes pessoas que circulam, observam ou se manifestam, se apropriando dos espaços ainda existentes, ou sobrepondo marcas sobre as já presentes.

O registro foi realizado centralizando a sustentação do viaduto, buscando a visualização espacial de maneira simétrica, e dando a construção de sustentação do viaduto especial destaque, deixando clara a tentativa de abarcar os grafites produzidos de maneira ampla. Letras e palavras ficam em evidência, mas não são compreensíveis, à primeira vista, por quem circula e não faz parte dos grupos que ali se manifestam através das inscrições. No entanto, as imagens centrais, de uma figura humana e de um disco de vinil são reconhecidas e trazem diferentes sentidos e leituras de acordo com as referências dos circulantes.

Existem os que passam e que registram, mais ou menos conscientes, estas imagens e também os que fazem do espaço um motivo para o encontro, transformando este pequeno pedaço da cidade em algo significativo dentro da dinâmica nem sempre fluida de seus limites. Ao fundo da imagem é possível perceber uma infinidade de pichações, provavelmente produzidas em tempos diversos, e com significações ainda mais amplas.

Pensando em como seria este espaço logo após a construção do viaduto, com suas superfícies cinzas e com sua função inicial de sustentação, é possível perceber uma clara reconfiguração juvenil deste espaço da cidade. O sentido espacial se expande e toma outra perspectiva, o suporte que antes era apenas de circulação se configura em suporte estético e carrega agora uma dupla função: a inicial de sustentar o que seria realmente útil neste espaço da cidade e a sua reconfiguração como uma espacialidade dotada de pertencimento dos jovens que por ali passaram, passam e ficam em seus tempos que intervalam os tempos institucionais.

Circular por entre as vias da cidade em constante movimento está para o transitar juvenil, percorrer externo e em rede e percorrer interno e latente. Assim, é necessário entender essas vivências fora das limitações institucionais como situação central na constituição da juventude. Neste sentido as imagens presentes na cidade são apenas indícios dessas andanças que não findam no tempo de passagem, mas que permanecem ecoando através destes registros enquanto durar a materialidade que lhes forneceu corpo. Mais do que simplesmente infringir normas da urbanidade planejada, criam diferentes maneiras de se fazerem presentes após sua passagem, numa tentativa de permanecerem vivos em seus espaços significantes como quem tenta abarcar o tempo da trajetória no instante da produção.

Assumamos então o desvio e suas potencialidades para a invenção do espaço, já que as tentativas para a juventude conduzem a possibilidades de apreensão e reestruturação da realidade, seja ela física e perceptível, ou interna e subjetiva. Os lugares são construídos como concretamente, mas são produzidos efetivamente na medida em que são ocupados por pessoas, que produzem suas relações nem sempre pautadas nas normas e mecanismos de orientação social.

As fronteiras estrategicamente desenhadas pelo projeto do que viria a ser o aparato destes lugares são reestruturadas pelas táticas das experiências cotidianas. Nas andanças juvenis, fronteiras espaciais e culturais se esgarçam e encontros entre territorialidades são conquistados, ainda que parcialmente. Estes encontros permitem trocas físicas e simbólicas e, mesmo que em alguns momentos o que se explicita seja o conflito, formam e dão forma ao que podemos encarar, hoje, como a juventude e as territorialidades que tecem. Como afirma Carrano:

Neste sentido, o território usado ou o “pedaço” pode transbordar limites definidos ao território, no espaço físico, ou pode encolher esses limites recortados, que estamos chamando de território como recorte do espaço físico. O território usado transborda ou encolhe, o “pedaço” cresce ou diminui, não é um fixo, é um mix de fixo e fluxo, de técnica com ação, de objetos com práticas sociais (CARRANO, 2014, p.22).

Quando os jovens repetem determinados deslocamentos no cotidiano, de “seus lugares” para outros tantos lugares, eles cruzam não apenas territórios fixos, mas espaços de vestígios de quem fez seus usos. E as relações que estes jovens travam, tanto com os lugares onde permanecem por mais tempo em seu dia a dia, quanto nas redes que produzem nos seus trajetos repetidos, são pessoais e coletivas. Relações pessoais quando olham e experimentam estes espaços com e a partir dos afetos e das memórias que carregam e que, simultaneamente, produzem com e nestes lugares. Coletivas quando, sendo parte de uma experiência espacial que extrapola sua relação estritamente subjetiva e “unilateral” com estes lugares, estabelecem relações com os espaços e com os outros sujeitos ampliando seus usos e suas interpretações destes territórios vivenciados.

Referências:

CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (org.). Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em Educação, Mídia e Ciências Sociais. Niterói: Editora da UFF, 2014.

GROPPO, L. A. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: Culturas jovens. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.